

Como podemos conhecer a prática da educação museal no Brasil em tempos de pandemia de Covid-19? Relato de uma pesquisa colaborativa

How can we know about the museum education practice in Brazil in times of Covid-19 pandemic?
Report of a collaborative research

Adriana Mortara Almeida *

Lília Abadia **

Fernanda Maziero Junqueira ***

Suzana Gomez Pohia ****

Jessica Norberto Rocha *****

Gabriela da Fonseca *****

Fernanda Castro *****

Luciana Conrado Martins *****

Resumo: O presente relato descreve o desenvolvimento de uma pesquisa realizada junto a educadores museais brasileiros, que visava conhecer as situações experienciadas por estes profissionais nos primeiros meses de pandemia de Covid-19 no Brasil, quando os museus foram fechados à visitação pública. A pesquisa foi feita de maneira colaborativa e voluntária, em duas rodadas, entre os meses de abril e junho de 2020, e contou com respostas de 266 pessoas de todas as cinco regiões do Brasil. Neste texto reportamos os desafios metodológicos das pesquisas sobre educadores de museus no Brasil, refletindo sobre as possíveis causas das

* Historiadora, mestre em Ciências da Comunicação, doutora em Ciência da Informação e Documentação e professora adjunta da Escola de Ciência da Informação da UFMG. E-mail: mortaraalmeida@gmail.com

** Arqueóloga, mestre em Ciências da Cultura e doutora em Teoria Crítica e Estudos Culturais (University of Nottingham). Pesquisadora Associada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu da Universidade Católica de Brasília pelo Programa Nacional de Pós-doutorado (CAPES - UCB). E-mail: bolsista.ppgeucb@gmail.com

*** Fernanda Maziero Junqueira: Coordenadora do Setor Educativo do Museu de Arte da Pampulha e integrante da Rede de Educadores de Museus e Centros Culturais de Minas Gerais - REM-MG. E-mail: fermjunqueira@gmail.com

**** Jornalista e educadora museal, especialista em Teoria e Prática na Formação do Leitor (UERGS) e graduanda em Museologia (UFRGS). E-mail: sgpohia@gmail.com

***** Divulgadora Científica da Fundação Cecierj e Jovem Cientista do Nosso Estado FAPERJ. Doutora em Educação (USP), Mestre em Divulgação Científica e Cultural (Unicamp), Graduada em Letras (UFMG) com período sanduíche na Kings College London (KCL, UK). E-mail: jessicanorberto@yahoo.com.br

***** Educadora museal e escolar, graduada em História (UFRJ), com especialização em Educação Museal (Faetec/Ibram) e mestre em Memória Social (Unirio). E-mail: gdafonseca88@gmail.com

***** Historiadora, mestre e doutora em Educação, educadora museal no Museu Histórico Nacional/Ibram, professora colaboradora do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História/UNIRIO e integrante do Comitê Gestor da Rede de Educadores em Museus do Brasil. E-mail: fernandasantanacastro@gmail.com

***** Historiadora, especialista em Museologia, mestre e doutora em Educação. Consultora em educação na empresa Percebe, professora colaboradora do Programa de pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia da UFPI, coordenadora de pesquisa do projeto Tainacan (UnB). E-mail: lucianamartins@percebeeduca.com.br

fragilidades de pesquisas sobre profissionais de museus no Brasil, apresentamos dados referentes às relações e vínculos de trabalho, bem como aos anseios dos educadores museais perante ao novo contexto decorrente da pandemia. Neste cenário, destaca-se a percepção sobre a necessidade de formação para a realização de ações educativas digitais/remotas. Pretendemos assim, contribuir para o desenvolvimento epistemológico de pesquisas sobre educadores museais no Brasil.

Palavras-chave: Educador museal; Educação museal; Pesquisa colaborativa; Covid-19, Pesquisa de situação laboral.

Abstract: This experience report describes the development of a survey carried out with Brazilian museum educators, which aimed to comprehend their employment status and experiences during the first months of Covid-19 pandemic in Brazil, particularly during the closure of museums to public visits. The research process was collaborative and voluntary, developed in two rounds between April and June of 2020. The survey received responses from 266 people from all five regions of Brazil. In this text, we report the methodological challenges, reflecting on the possible causes for the research weaknesses and present data regarding employment status, as well as the expectations of museum educators in the face of the new context resulting from the pandemic. The research emphasizes the educators' perceptions of the need for training to implement digital/remote educational actions. By bringing together the methodological reflection and the research data, we intend to contribute to the epistemological development of research on museum educators in Brazil.

Keywords: Museum educator; Museum education; Collaborative research; Covid-19, Research on employment status.

Introdução

Em meados de março de 2020, as instituições museológicas brasileiras fecharam suas portas aos diversos públicos em função da pandemia de Covid-19. Nesse primeiro momento da crise sanitária, havia muita incerteza sobre sua duração e consequências. Concomitante com a suspensão das atividades presenciais, começaram a chegar relatos à coordenação da seção brasileira do Comitê para Educação e Ação Cultural do Conselho Internacional de Museus (CECA-BR ICOM) e ao Comitê Gestor da Rede de Educadores em Museus do Brasil (REM-BR), sobre a demissão de funcionários de diferentes áreas em instituições museológicas, incluindo as áreas educativas. Para além desses relatos, chegaram outros sobre o crescimento da demanda de trabalho a partir do desenvolvimento de ações educativas remotas, sem que estas fossem acompanhadas de infraestrutura ou formação para tal. Diante deste cenário, e visando dar suporte aos educadores de museus de instituições brasileiras, organizaram-se reuniões em que foram feitas propostas de ações colaborativas, dentre elas uma pesquisa sobre a prática da educação museal em tempos de pandemia de Covid-19.

O presente relato de experiência visa descrever o processo de pesquisa, suas potencialidades e seus problemas, bem como refletir sobre as dificuldades epistemológicas do campo da educação museal no Brasil. Utilizando-a como mote, propomos a seguinte questão: como podemos conhecer a prática da educação museal no Brasil em tempos de pandemia de Covid-19? Neste sentido, este texto objetiva contribuir com a construção metodológica do campo, em um duplo movimento: ilustrando as possibilidades e fragilidades de suas pesquisas e expondo algumas das conclusões possíveis da referida pesquisa, que, por sua vez, ajudam a representar como este período, globalmente atípico, afetou os profissionais de museus, sobretudo os educadores.

Iniciaremos pela seção “Construindo caminhos para uma pesquisa colaborativa”, descrevendo o processo de pesquisa – suas possibilidades e problemas – relacionando-o com outros dados e informações do campo e com artigos que versam sobre os desafios da profissionalização e institucionalização da educação museal no país; na seção 2, intitulada “Compreendendo os atores do campo da educação museal”, destacaremos alguns dos dados obtidos com os questionários e o que representam, para nos aproximarmos da situação concreta de trabalho de educadores museais no Brasil. Finalizaremos com reflexões sobre o processo da pesquisa colaborativa e sobre a educação museal no país.

1. Construindo caminhos para uma pesquisa colaborativa em tempos de pandemia

A gênese da “Pesquisa ações educativas museais durante a pandemia do Covid-19” está relacionada ao advento da pandemia e à mobilização de setores educativos de museus que vinham crescendo a partir da construção colaborativa da Política Nacional de Educação Museal (IBRAM, 2018; CASTRO, 2019). Logo no princípio da pandemia no Brasil, diante de dificuldades reportadas por trabalhadores de museus às coordenadoras do CECA-BR, Luciana Conrado Martins, e da REM-BR, Fernanda Castro, foi organizada uma reunião virtual de educadores museais brasileiros. A reunião, realizada em 17 de abril de 2020, visava acolher colegas, auscultar as demandas dos profissionais da área e elaborar uma carta coletiva¹ como reação às demissões e a outros problemas enfrentados pelos educadores museais. No encontro, foi apresentada

¹Disponível em: http://www.icom.org.br/files/Carta_Aberta_e_Recomenda%C3%A7%C3%B5es_para_Educa%C3%A7%C3%A3o_Museal_no_Brasil.pdf

a proposta de desenvolvimento e aplicação de um questionário *online* para se fazer um levantamento da situação dos educadores.

A reunião contou com a presença de 93 pessoas, de oito estados brasileiros e do Distrito Federal, que assinaram a lista de presença, além de 248 pessoas que visualizaram a transmissão ao vivo, na página do Facebook da REM-BR, uma vez que a sala virtual não comportou todos os interessados². Esse grande número de pessoas mobilizadas indicava o forte desejo de trocar experiências sobre problemas comuns.

Ainda nessa reunião definiu-se um grupo de trabalho específico para a pesquisa, que envolvia: (i) a divulgação do questionário e a solicitação de participação na pesquisa; (ii) a análise dos dados; (iii) a produção de um relatório de pesquisa³. Assim, constituiu-se uma equipe de trabalho, liderada pela coordenação da CECA-BR e REM-BR, formada por 22 voluntários⁴, com diferentes níveis de experiência em pesquisa, de disponibilidade e de comprometimento. O processo de desenvolvimento da investigação foi, então, construído de forma colaborativa: das 22 inscrições no grupo, houve ativa participação, no princípio, de 15 pesquisadores, dos quais permaneceram sete até os últimos estágios de análise de dados e escrita do relatório de pesquisa.

1.2. O questionário da 1.^a rodada da pesquisa

Devido à urgência da elaboração da carta aberta para mobilização das instituições em um período de crise, o instrumento de coleta de dados foi elaborado, em um curto espaço de tempo, por apenas três pesquisadoras, designadamente Fernanda Castro, Luciana Conrado Martins e Adriana Mortara Almeida,, utilizando o Formulário Google. Após desenharem o questionário, disponibilizaram-no para todos os participantes da reunião, nos *mailings* das várias redes de educadores, para membros do CECA-BR e em redes sociais.

² A plataforma Jitsi foi escolhida para mediar a reunião uma vez que naquele momento era aberta, gratuita e segura. Contudo, naquele período da pandemia, a plataforma havia limitado o número de participantes a 75 pessoas por sala, fato que não era de conhecimento da organização da reunião, impedindo que vários participantes pudessem entrar na sala virtual. A solução encontrada foi a transmissão da reunião na página do Facebook da REM Brasil.

³ Foram criados cinco grupos de trabalho, com tarefas definidas: 1. GT Carta aberta sobre educação museal em tempos da Pandemia de Covid-19 no Brasil; 2. GT Documento com recomendações para os museus sobre os educativos; 3. GT Proposta de ação (profissionalização, fundo de recursos); 4. GT Propostas de ações online/digital; 5. GT Pesquisa sobre educação museal na Pandemia de Covid-19.

⁴ Em ordem de inscrição para participação no Grupo de Trabalho: Adriana M. Almeida, Fernanda Castro, Luciana C. Martins, Mona Nascimento, Márcia F. Lourenço, Suzana Pohia, Jessica N. Rocha, Jacqueline Prado, Edna Y. Onodera, Lília R. Abadia, Fernanda Moraes, Sandra Gutierrez, Wesley Ferreira, Érika L. Pereira, Maurício A. Silva, Vânia Machado, Márcia Vargas, Hilda Bárbara, Bárbara Milan, Gabriela da Fonseca, Renata dos Santos e Fernanda Maziero Junqueira.

As perguntas do questionário buscavam identificar o perfil dos educadores e das instituições em que atuavam, bem como as mudanças ocorridas no trabalho em função da pandemia de Covid-19, visando fundamentar e contribuir para a organização de ações de apoio aos educadores demitidos e à formação para ações digitais/ remotas. É preciso destacar que, apesar dos avanços das últimas décadas, não há no Brasil produção sistemática de dados sobre o número e as características das áreas educativas de todos os museus e sobre os profissionais formados ou em formação que atuam como educadores museais (ALENCAR, 2008; CARLÉTTI; MASSARANI, 2015; CASTRO, 2019; IBRAM, 2018). Esforços de diversos agentes contribuíram para obtenção de números e dados gerais sobre as instituições nacionais, mas sem maior detalhamento de cada uma das áreas dos museus⁵ (ver MIRANDA, 2009), em particular, dos setores⁶ educativos. Em relação a este último ponto, ressaltamos o não reconhecimento da profissão de educador museal, o que poderia facilitar o mapeamento e identificação dos profissionais; a inexistência de um salário base e de outras formalizações (COSTA, 2019), que poderiam dar respaldo jurídico e econômico a esses profissionais em uma situação de calamidade como a causada pela pandemia. Devido a sua urgência, a pesquisa não preencheria as lacunas anteriores à pandemia de Covid-19, mas visava contribuir para a mobilização dos educadores, partindo de dados concretos para a compreensão das consequências da pandemia nas relações de trabalho.

O questionário era composto por 39 questões, com perguntas abertas e fechadas, que contemplavam dados pessoais (idade, gênero, raça/cor, se tem deficiência, formação), dados profissionais dos respondentes (cargo ocupado na instituição onde trabalha, tempo de trabalho na instituição) e dados sobre as instituições onde trabalhavam (localização, tipo de tutela/gestão). Ainda referente à instituição, o questionário solicitava dados sobre a existência de setor educativo, de ações educativas e a quantidade e tipo de funcionários nesse setor. Em relação à pandemia de Covid-19, perguntava-se sobre o fechamento da instituição aos públicos, o trabalho em casa, a

⁵ Por exemplo, a Plataforma MuseusBr (<http://museus.cultura.gov.br/>) gerida pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) tem 3.886 museus cadastrados (dado de 04 de outubro de 2020) e na descrição das atividades de cada museu há um campo para “atividades educativas e culturais” limitado à listagem de públicos atendidos.

⁶ Será utilizado o termo “setor educativo” para denominar a área da instituição museológica na qual estão inseridos os educadores museais e outros profissionais que atuam no desenvolvimento das ações educativas museais (vide SEIBEL-MACHADO, 2009). Em muitos casos esse setor não é formalizado no organograma da instituição, mas existe na prática. A denominação pode variar - departamento educativo, área educativa, seção educativa, entre outros - indicando a diversidade de estruturas existentes nos museus brasileiros e a (não) inserção das ações educativas nessas estruturas.

demissão de funcionários da área educativa e de outras áreas e as ações educativas implementadas a partir da suspensão das atividades presenciais.

Houve alta adesão ao questionário, e, em uma semana, obtiveram-se 213 respostas válidas, o que foi considerado suficiente para iniciar as análises. Com o fechamento do questionário para respostas, em 27 de abril, apenas dez dias após a primeira reunião, iniciamos o trabalho de análise dos dados, ao mesmo tempo em que foram recebidas demandas para “reabrir” o formulário para novas respostas. Para não adiar mais a análise dos dados, optamos por não abrir o questionário novamente e trabalhar para fazer uma “segunda rodada” posteriormente, uma vez que a situação de educadores museais e de outros profissionais de museus passava por mudanças, seja pelas resoluções dos vários níveis de governo (federal, estadual e municipal) em relação a contratos de trabalho, auxílio emergencial e fechamento de instituições, seja pelas decisões de cada instituição (dar férias a todos os funcionários, suspensão de contratos, diminuição da jornada de trabalho, demissão, entre outras).

1.2. Desafios e problemas metodológicos

Ao longo da semana na qual o questionário ficou aberto para respostas, algumas dúvidas surgiram entre os possíveis respondentes, sendo a principal delas se apenas uma pessoa por instituição deveria respondê-lo. Como o questionário foi construído pensando no educador museal, consideramos importante que todos que quisessem responder pudessem se manifestar, tendo em vista que não se tratava de uma pesquisa institucional. Entretanto, a fase do tratamento dos dados evidenciou alguns problemas do instrumento de geração de dados, como no desenho e na operacionalização do questionário (ver SARIS, GALLHOFER, 2007; MAY, 2011).

No âmbito das imprecisões do planejamento e desenho do questionário, destaca-se a adequação da amostragem, ou seja, o conhecimento dos respondentes em face das informações solicitadas no questionário; o enunciado das questões; e a organização do formulário. No que se refere ao primeiro problema, o fato de haver perguntas referentes à instituição gerou dificuldades aos respondentes, que nem sempre conheciam todas as informações sobre suas instituições. E, em função desse desconhecimento, houve divergências de informações entre respondentes que trabalhavam em uma mesma instituição, como por exemplo, sobre o número de funcionários do setor educativo, o número de funcionários demitidos ou sobre os recursos digitais que a instituição possuía.

Em relação ao enunciado, observamos que o termo “dispensa”/“dispensado”, utilizado em algumas questões, provocou diferentes interpretações pelos respondentes, o que dificultou a análise dos resultados. O termo foi utilizado no sentido de “demissão”/“demitido”, mas, provavelmente, em várias respostas, tenha sido interpretado no sentido de “liberado” para trabalhar em casa. Pudemos perceber claramente essa interpretação do termo quando alguns respondentes acrescentaram informações como “somente as pessoas em grupo de risco foram dispensadas” ou “os estagiários foram dispensados para trabalhar em casa”.

No que concerne à organização do questionário, as perguntas mesclavam dados pessoais e profissionais dos educadores e dados sobre as instituições onde trabalhavam. As primeiras 15 questões tratavam tanto de dados pessoais (e-mail, gênero, cor/raça, área de formação, faixa etária, se tem deficiência), dados profissionais (se trabalhava em museu, há quanto tempo estava na instituição, tipo de vínculo) e dados da instituição (localização, tutela da instituição – pública, privada etc.). As perguntas 16 a 37 solicitaram mais dados institucionais do que pessoais ou profissionais. As perguntas 16 e 17 eram sobre fechamento da instituição em função da Covid-19 e data do fechamento da instituição. As questões 18 a 25 tratavam da existência (ou não) de setor educativo na instituição e o perfil e quantidade de profissionais atuantes no setor. As questões 26 a 30 pediam informações sobre dispensas de funcionários do educativo e de outras áreas em função da pandemia ou por outros motivos. As perguntas 31 a 33 tratavam do teletrabalho de educadores e os tipos de atividades desenvolvidas. A pergunta 34 era mais pessoal e pedia a indicação dos desafios da realização de ações educativas remotas. Duas perguntas (35 e 36) foram feitas sobre os recursos digitais existentes na instituição e utilizados nas ações educativas. A pergunta 37 pedia somente para quem não estivesse realizando atividades educativas em teletrabalho explicar os motivos. As perguntas 38 e 39 voltavam aos dados pessoais, solicitando que o respondente indicasse pontos positivos do desenvolvimento de ações educativas digitais e se haveria mais alguma questão importante sobre a situação daquele momento em função da pandemia de Covid-19.

Entendemos que esses problemas enfrentados ocorreram, em parte, em função da premência de aplicar o questionário devido a sua finalidade prática (auxiliar profissionais demitidos e demandas imediatas) e, em decorrência disso, da ausência de testes sistemáticos que poderiam ter sanado questões de interpretação e ambiguidade.

1.3. Segunda rodada: novo desenho do questionário

Após análise inicial dos primeiros dados coletados, foi possível obter alguns resultados utilizados na “Carta Aberta dos educadores museais brasileiros sobre os efeitos da Pandemia de Covid-19 na educação museal no Brasil”, publicada e divulgada nas redes sociais, em 30 de abril de 2020. Parte dos dados da primeira rodada do questionário, em especial aqueles relacionados às perguntas abertas, foi revista para aprimorar o formulário da segunda rodada e proporcionar uma reflexão mais profunda sobre os dados.

Em função dos problemas detectados e da necessidade de lançar a segunda rodada de pesquisa, buscamos aperfeiçoar o formulário, sem produzir demasiadas modificações, de forma que se pudesse somar e comparar dados das duas rodadas.

Os problemas decorrentes das perguntas sobre a instituição e a organização do questionário não puderam ser resolvidos, uma vez que essa alteração descaracterizaria o protocolo adotado. Entretanto, foram revistas alternativas em várias questões e completadas de acordo com as respostas já recebidas anteriormente. O refinamento implicou a criação de lógica no formulário, evitando que pessoas que responderam “não” em determinada questão inserissem dados contraditórios em itens posteriores, por exemplo, se a pessoa respondesse que “não havia setor educativo no museu”, ela não veria as perguntas sobre quantidade e tipo de profissionais no setor educativo.

A segunda rodada foi lançada em 14 de maio de 2020 e, depois de alguns dias, percebemos que um bloco de questões não estava sendo respondido pela maioria das pessoas. Foi verificado que havia um erro na lógica que bloqueava essas perguntas e o formulário foi ajustado. Para obter as respostas de quem já havia preenchido, foi feito contato por e-mail, solicitando que fizessem novo preenchimento, de modo que este substituísse as respostas anteriores.

1.4. Processo coletivo de análise de dados: discussões e soluções encontradas

A descrição e análise dos dados das duas rodadas foi feita de maneira coletiva e colaborativa, em documentos e reuniões *online*. O trabalho colaborativo propiciou a partilha de diferentes olhares, sendo especialmente relevantes as diferenças regionais para a percepção de problemas e de suas soluções. A participação coletiva gerou a criação de novas redes de partilha, troca de vivências, não só geográficas, mas também

de níveis de experiência, aprendizagem sobre ferramentas de trabalho, e a reflexão sobre a produção do conhecimento – seus erros e acertos.

O principal desafio do trabalho voluntário foi a conciliação de tarefas, respeitando os tempos de cada uma – o que foi uma situação desafiadora em face da necessidade de produção acadêmica, das demandas profissionais e familiares, e das dificuldades consequentes da própria pandemia, sentidas de forma diversa por cada pesquisadora envolvida. Assim, houve algum prejuízo em termos de alcances de objetivos e datas previamente desejadas pelo grupo de trabalho para a divulgação dos resultados da pesquisa e das reflexões coletivas.

Uma das primeiras ações da etapa de análise dos dados foi verificar a consistência das informações obtidas e corrigir os problemas evidenciados, tratados na próxima seção deste artigo. Aqui, destacamos três pontos:

1. Dados incorretos sobre natureza da instituição (pública, privada etc.). Por exemplo, respondentes de instituição pública indicam que é privada ou o inverso.
2. Dados dissonantes sobre estrutura de setor educativo (quantidade e tipos de profissionais). Respondentes de uma mesma instituição indicaram número de profissionais e tipos de funções diferentes.
3. Dados dissonantes sobre as atividades educativas digitais realizadas. Respondentes de uma mesma instituição indicaram diferentes atividades realizadas, periodicidade e recursos técnicos diversos.

Para resolver dúvidas ou inconsistências, realizamos buscas em fontes distintas, sobretudo nos sites e redes sociais dos museus, e corrigimos a base de dados. Todavia, nem todas as dúvidas e inconsistências puderam ser sanadas com esta estratégia. Diante disso, consideramos que alguns dos problemas poderiam ser resolvidos por meio de nova comunicação com os respondentes. No caso de respostas dissonantes de membros de uma mesma instituição, optamos por contatar o respondente que tivesse cargo de coordenação ou aquele que estivesse há mais tempo na instituição, por considerarmos que com estes critérios teríamos mais chances de obter informações mais precisas.

Para resolver a questão da variedade de denominações para os cargos de setores educativos, procuramos agrupar respostas similares, como, por exemplo, “diretor”, “coordenador” e “supervisor”, que foram categorizados como “gestor/diretor/coordenador” do setor educativo. Na segunda rodada da pesquisa, foi

feita uma revisão das alternativas buscando agregar respostas similares em categorias já previstas.

Os dados levantados nas duas rodadas de pesquisa geraram muito interesse entre quem busca a valorização da profissão, assim como da mídia dedicada a divulgar os impactos da pandemia no campo da cultura. Em função dos problemas relatados, especialmente em relação aos dados institucionais e a não “representação” institucional dos respondentes, o grupo optou por não citar os nomes das instituições na maior parte dos resultados, uma vez que não houve a intenção de obter dados “oficiais” de cada museu/instituição, e sim ouvir os educadores sobre sua situação durante a pandemia.

Vale destacar que, como o questionário foi amplamente divulgado e compartilhado, não é possível estimar o alcance e o número de profissionais que tiveram acesso a ele. Entretanto, os dados obtidos nas respostas – detalhados na seção a seguir – evidenciam que se conseguiu atingir uma grande amplitude geográfica e de instituições no Brasil. Nesse sentido, não podemos afirmar que esta pesquisa foi estatisticamente representativa. Porém, os dados indicam algumas tendências e questões relevantes para o momento e contexto em que a pesquisa foi realizada, podendo contribuir, inclusive pelos erros identificados, para elaboração de instrumentos melhores. Destaca-se também que se formou um importante banco de dados de profissionais, que podem ser futuramente convidados a participar de outras pesquisas.

Nas duas etapas era facultativo o preenchimento do nome, sendo assim, neste relato todos os dados estão sendo divulgados sem expor individualmente os participantes e suas instituições.

2. Compreendendo os atores do campo da educação museal

2.1. Perfil dos respondentes

Na primeira etapa da pesquisa foram recebidas 213 respostas válidas e na segunda etapa 59. Em relação ao perfil do total de 266 respondentes⁷, a maioria é do gênero feminino (69%), tem de 25 a 44 anos (60%) e é branca (65%). Entre os respondentes, sete declararam ter alguma deficiência (2,6%), sendo dois com deficiência auditiva, dois com deficiência motora, um com baixa visão, um com Transtorno do Déficit Atenção e Hiperatividade (TDAH) e um com altas habilidades/superdotação. Embora os dados não possam ser considerados absolutos,

⁷ Ao todo foram 272 respostas nas duas rodadas, porém seis pessoas responderam nas duas rodadas.

devido aos problemas mencionados, consideramos que eles reforçam as reivindicações de movimentos sociais para a diversificação do setor museal, especialmente em termos étnico-raciais e na quebra do paradigma do capacitismo.

Os 266 respondentes trabalham/trabalhavam em instituições, museus, empresas e secretarias de municípios ou estados exercendo diversas funções, em sua maioria executando ações de educação museal como educadores ou mediadores (35,3%), como gestores ou coordenadores (33,5%) ou como estagiários/bolsistas (6,8%). Nas respostas recebidas houve uma grande variedade de denominações para a função de educador museal⁸, o que causou certa dificuldade em categorizar os profissionais atuantes nas instituições, especialmente na primeira rodada que tinha pergunta aberta. Diante dessa multiplicidade, chegamos aos números anteriormente apresentados agrupando algumas respostas, utilizadas também como alternativas para a segunda rodada: “Educador/a ou mediador/a”, “Estagiário/a ou bolsista”, “Gestor/diretor/coordenador/a da área educativa ou serviço educativo”, “Orientador/a de público”, “Pesquisador/a” e “Museólogo/a”, além de “outros”. Em “outros”, apareceram respostas como “historiador”, “antropólogo”, “pedagogo”, “astrônomo”, entre outras.

Considerando o cenário de informalidade das estruturas institucionais supomos que seja preciso mais estudos em profundidade para compreender o papel de cada funcionário, especialmente dos que exercem mais de uma função. Neste sentido, questionamo-nos se os profissionais como historiadores, astrônomos, antropólogos, entre outros, compõem também o quadro de profissionais versáteis que participam das ações educativas, ou se teriam se designado como tal pela falta de definição sobre as profissões do campo museal.

O tempo de trabalho nas instituições, empresas, museus e secretarias apresentou variações, dependendo, sobretudo, da função exercida e do tipo de tutela do museu. Entre as 47 pessoas que atuam há mais de 10 anos, 26 são gestores/chefes (55,3%) e 11 são educadores (23,4%). Já entre os 45 respondentes que estão trabalhando há menos de um ano na instituição, empresa ou museu, 18 são educadores (40%), nove têm cargo de chefia (20%) e oito são estagiários ou bolsistas (17,8%), possivelmente, indicando a permanência mais longa de profissionais em cargos de

⁸ Dado que não é surpreendente; essa questão já é apontada na literatura nacional e internacional há alguns anos (NORBERTO ROCHA; MARANDINO, 2020; TRAN, 2008; CARLÉTTI; MASSARANI, 2015; GOMES; CAZELLI, 2016).

chefia ou a obtenção de cargos de chefia para aqueles que permaneceram mais tempo na mesma instituição⁹.

Outro fator que pode contribuir para a compreensão do tempo de trabalho refere-se ao tipo de tutela dos museus. Nas duas rodadas da pesquisa foram citadas 181 instituições, museus e empresas como local de trabalho dos respondentes. A maior parte dos respondentes trabalha/trabalhava em 130 instituições públicas (71,8% das instituições citadas): 110 têm gestão pública e 20 têm gestão por organização social. Já os tipos de vínculo com as instituições/museus são variados, sendo os mais frequentes as contratações como servidores públicos (federais, estaduais e municipais) e por meio da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Não obstante, notamos que há diversas formas de contrato de trabalho nas instituições/museus públicos com gestão pública.

Essa variedade de vínculos expressa a contratação sem concurso público, além da fragilidade de situações trabalhistas experimentadas por parcela significativa dos educadores museais – dados que se aproximam dos resultados encontrados por Norberto Rocha et al. (2021) em pesquisa realizada com 298 educadores museais brasileiros de instituições dedicadas à ciência e à tecnologia. No caso das instituições públicas geridas por Organizações Sociais não há vínculo de servidores públicos, assim como no caso das instituições privadas e mistas. Este cenário que vem se configurando tem contribuído para a precariedade de contratos de trabalho e para uma oscilação no número de prestadores de serviço no cotidiano do museu, o que pode gerar um certo desconhecimento da própria estrutura do museu, como ficou patente a partir das respostas dissonantes apresentadas no questionário.

2.2. Perfil das instituições museais onde trabalham/trabalhavam os respondentes

As 181 instituições, museus, secretarias e empresas mencionadas no questionário estão localizadas em 19 estados e no Distrito Federal, sendo a maior concentração (49%) na região Sudeste do país. Ao compararmos estes dados com os apresentados na plataforma Museusbr¹⁰ – que tem cadastrados como “verificados” 2.648 instituições museais em todo o país – observamos que o questionário teve um

⁹ É importante notar que pela lei de estágio o estudante só pode ficar na mesma instituição por no máximo dois anos. No caso de bolsistas as normas são variáveis.

¹⁰ A plataforma online, criada em 2015, aloja dados do Cadastro Nacional de Museus do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). A plataforma apresenta 110 museus verificados na região Norte (4%); 513 museus na região Nordeste (19%); 190 museus na região Centro-Oeste (7%); 1.266 museus na região Sudeste (48%); e 569 museus na região Sul (21%).

bom alcance nas regiões Sul e Sudeste; uma abrangência acima da média de museus cadastrados na região Centro-Oeste, apesar de não haver nenhuma instituição do estado do Mato Grosso do Sul, e pouco retorno nas regiões Nordeste, e, sobretudo, Norte. As dificuldades de mobilização do setor em ambas as regiões têm sido enfrentadas por ações coletivas da REM-BR e REMs estaduais.

A inconsistência nas respostas sobre a existência de setor educativo dificulta sua caracterização nas instituições. De acordo com as respostas recebidas, 143 instituições onde atuam os respondentes têm “setor educativo” (79%) e 149 têm “equipe educativa” (82,3%), ou seja, mesmo sem a existência de um “setor educativo” há profissionais que realizam ações educativas museais¹¹. Esses setores são compostos por uma a cinco pessoas (88 instituições), seguido por seis a 10 membros (34 instituições) e, finalmente, 11 a 20 pessoas (20 instituições).

As diferenças entre as respostas de pessoas que atuavam em uma mesma instituição ocorrem, por exemplo, em relação ao número de membros das equipes educativas. Apontamos como hipóteses explicativas para este desencontro de informações a ausência de um setor educativo estabelecido em organograma, assim como o desconhecimento da instituição onde atuam, especialmente por parte de estagiários e funcionários recentes, notadamente quando há diferentes formas de contratação (servidores públicos, contratados por meio CLT, MEI etc.) numa mesma instituição. Isto não significa uma culpabilização destes agentes educativos, pois compreendemos que esta situação é uma das consequências da precarização dos vínculos e de uma ausência de ação institucional. Adicionalmente, essas informações destoantes entre pessoas de uma mesma instituição museal também podem sugerir uma falta ou falha na comunicação interna, que pode ter sido agravada pelas demissões, suspensões de contratos e isolamento social.

2.3. Trabalho durante os primeiros meses de pandemia

Na primeira rodada da pesquisa, o enunciado da pergunta “Houve algum membro da equipe educativa dispensado em função dos desdobramentos da Pandemia de Covid-19?” provocou entendimentos diversos entre os respondentes, uma vez que, como mencionado anteriormente, “dispensado” pode ser entendido como “demitido” ou

¹¹ Algumas respostas sugerem que mesmo em instituições museais sem um setor educativo formalizado, ou pelo menos que não são reconhecidas como tal pelos respondentes, ocorrem ações educativas conduzidas por bolsistas, estagiários, voluntários, e / ou outros profissionais.

“liberado”. Nessa etapa, respostas referentes a 28 instituições (15,5% do total de 181 das duas etapas) indicaram “sim”, ou seja, podem significar que houve demissões, assim como liberação para o trabalho em casa. Já na segunda rodada, com o enunciado revisto, foi possível identificar 12 instituições (6,6%) que reduziram a carga horária e salários, quatro (2,2%) que suspenderam contratos e duas que demitiram (1,1%). Uma instituição fez suspensão e redução e as duas instituições que demitiram também fizeram redução de carga horária; ou seja, 15 instituições citadas na segunda rodada teriam demitido, suspenso contratos e/ou reduzido carga horária dos seus educadores museais, de acordo com os respondentes.

No princípio da pandemia, as ações educativas estavam sendo realizadas semanalmente (56 respostas) e diariamente (42 respostas) pela maior parte das instituições. Na segunda rodada: semanalmente (7 respostas), e com frequência variada (5 respostas). Na primeira rodada, a maior parte dos respondentes informou que as atividades consistiam na criação de materiais educativos (120 respostas); planejamento, registro e avaliação (112 respostas); produção de conteúdos educativos para divulgação online (sem interação) (102 respostas). Na segunda rodada, as atividades mais destacadas foram a produção de conteúdos educativos para divulgação online (sem interação) (13 respostas); a criação de materiais educacionais (12 respostas); e as ações de planejamento (11 respostas). Destacamos a citação frequente da produção de materiais educacionais, indicando a intensidade de novas demandas de trabalho para os educadores museais.

Houve dissonância nas respostas sobre os recursos institucionais disponíveis para as ações educativas e os recursos que os respondentes disseram estar utilizando. As dissonâncias foram de vários tipos – desde a falta de coincidência de recursos citados por trabalhadores de uma mesma instituição; menções desconhecidas de recursos utilizados para as ações educativas, entre outras. Os recursos mais citados como disponíveis nas instituições foram o Facebook (199 respostas) e Instagram (187 respostas), seguidos pelo Youtube (94 respostas) e Twitter (58 respostas). Já no que se refere aos recursos digitais e *online* utilizados para a realização das ações educativas, os mais mencionados foram o Facebook (131 respostas), o Instagram (129 respostas) e o Youtube (48 respostas). Esta utilização de recursos que possibilitam muitas visualizações se relaciona com a percepção de que os museus e os serviços educativos têm alcançado novos públicos, conforme apresentamos, a seguir, na avaliação positiva sobre o trabalho em tempos de pandemia.

2.4. Avaliação dos respondentes sobre o trabalho em tempos de pandemia

Os problemas de formação dos profissionais do setor de educação museal já foram registrados e refletidos na Política Nacional de Educação Museal (IBRAM, 2018). Contudo, os novos desafios advindos com a pandemia acrescentaram questões tais como a formação para a utilização de ferramentas digitais e *online* nas ações educativas; a conciliação do trabalho remoto com os afazeres domésticos; as questões de saúde física e mental; bem como o acesso ao material e aos recursos necessários para o trabalho. Nos meses iniciais da pandemia, foi ressaltada a falta de formação da equipe como principal desafio para a realização de ações digitais (91 respostas). Outras respostas expressivas consistem nas opções relacionadas às condições de trabalho para a realização das ações remotas, seja pela falta de acesso ao conteúdo necessário para a elaboração de conteúdo educativo (58 respostas), falta de acesso aos espaços do museu (57 respostas), falta de acesso a livros e materiais impressos para a consulta (34 respostas), ou pela falta de financiamento para a produção de ações educativas (61 respostas).

Além disso, alguns dos problemas de articulação entre os setores dos museus estão sugeridos nas respostas, notadamente a falta de digitalização dos conteúdos do acervo (45 respostas), e a requisição de produção de conteúdos ao setor educativo que não são escopo de seu trabalho (34 respostas). Outro aspecto relacionado às dificuldades dos(as) educadores são as condições desfavoráveis para o exercício das atividades profissionais no ambiente doméstico, sendo uma questão relevante a falta ou o acesso precário à internet no ambiente doméstico (45 respostas), bem como a falta de acesso ou o acesso precário ao computador no ambiente doméstico (29 respostas). Do total de respondentes, 85 deixaram a questão em branco, declararam não saber informar ou informaram que estão em processo de implementação de ações.

Na fase de escrita deste relato de experiência, refletimos se, no questionário, os educadores autônomos, sobretudo os que realizam trabalhos temporários e pontuais, tiveram uma possibilidade menor de explicitar o impacto da Covid-19 nas suas estratégias de trabalho. Isto porque, apesar de terem sido concebidas para a resposta individual, as perguntas foram orientadas para o mapeamento da fragilidade dos vínculos institucionais, bem como das pressões e estratégias de ação dos educadores. Consideramos que mais estudos serão necessários para aprofundar esta questão.

Segundo a maior parte dos respondentes, a necessidade de adaptação do trabalho durante a pandemia também teve desdobramentos positivos. Nas duas rodadas, os aspectos proveitosos das novas configurações do trabalho foram: a

aprendizagem de novas ferramentas de trabalho (168 respostas); o reconhecimento e a valorização do trabalho educativo (129 respostas); a ampliação do alcance de público, ou seja, maior número e diversidade de pessoas contempladas pelas ações educativas (129 respostas). Com menor recorrência, foi apontada a atuação em conjunto com outras áreas que, antes da pandemia, não se associavam (75 respostas). Houve ainda 19 respondentes que consideraram não ter havido pontos positivos.

Conclusão

Procuramos refletir sobre os desafios de pesquisas acerca do setor educativo museal. Os desafios mais citados incidem nas distintas concepções ontológicas e epistemológicas sobre o campo e nas lacunas de informação sobre as instituições museais e suas práticas. Essas lacunas se fizeram ainda mais evidentes nos primeiros meses de pandemia de Covid-19, período em que houve uma necessidade acrescida de mobilização para o enfrentamento dos problemas advindos com a crise sanitária. É neste cenário que surge a “Pesquisa ações educativas museais durante a pandemia do Covid-19”, fruto de uma articulação coletiva e voluntária encetada pelas coordenações da REM-BR e CECA-BR.

Procuramos mostrar, na primeira parte do relato, que a pesquisa foi realizada por atores de diversas regiões do país que, por sua vez, executavam atividades profissionais variadas e possuíam familiaridade distintas com os instrumentos de pesquisa – o que propiciou a elaboração de diferentes estratégias para a resolução de problemas decorrentes da pesquisa. Apresentamos os desafios da pesquisa ora causados pela celeridade com que a aplicação do questionário foi realizada, ora pelas debilidades do setor.

Os dados que enfatizamos na segunda seção deste relato permitem aprofundar e detalhar a diversidade e precariedade da situação de educadores de museus, mais do que sobre as demissões e suspensões de contratos em função da pandemia de Covid-19. A pesquisa evidenciou que a pandemia de Covid-19 empurrou educadores museais para trabalhar em suas casas forçando-os, ainda que sem o auxílio de equipamentos e formação adequadas, a desenvolver novos conteúdos para as mídias sociais e plataformas digitais.

Destacamos que a dificuldade em quantificar e nomear os profissionais atuantes das equipes educativas sinaliza a ausência de formalização de organogramas e cargos/funções no que tange a área educativa dos museus onde os participantes da

pesquisa atuavam. Assim, a pesquisa trouxe diversos questionamentos que consideramos essenciais para a articulação de novas pesquisas, para mais reflexões no âmbito acadêmico e profissional e para a aplicação e consolidação da PNEM. Por que tantas respostas dissonantes de trabalhadores do mesmo museu? Os orientadores de público, afinal, fazem parte da equipe educativa ou administrativa? E o historiador que participa do desenvolvimento dos conteúdos tratados, faz parte de qual área? A profissionalização de educadores museais é urgente, mas precisa ser acompanhada pela formalização e organização dos setores educativos nas instituições museológicas, bem como de articulação de novas pesquisas e mais reflexões no âmbito acadêmico e profissional para o fortalecimento e consolidação de políticas públicas da área.

Referências

ALENCAR, V. P. de. *O mediador cultural: considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de Arte*. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes/UNESP, São Paulo, 2008.

CARLÉTTI, C.; MASSARANI, L. Explainers of science centres and museums: a study on these stakeholders in the mediation between science and the public in Brazil. *JCOM*, v.14, n.2, A01, 2015. Disponível em: <https://icom.sissa.it/archive/14/02/JCOM_1402_2015_A01>. Acesso em: 14 dez. 2020

CASTRO, F. S. R. A Construção do campo da Educação Museal: políticas públicas e prática profissional. *Revista Docência e Cibercultura*, vol. 3, n. 2, p.90-114, mai./ago., 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/40706/30489>>. Acesso em: 05 dez. 2020

COSTA, A. A formação inicial e continuada de educadores museais: projeto em construção. *Revista Docência e Cibercultura* v.3, n.2, pp. 67–89, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/redoc.2019.44693>>. Acesso em: 14 dez. 2020

COSTA, A.; CASTRO, F.; CHIOVATTO, M.; SOARES, O. Educação museal. In: IBRAM. *Caderno da PNEM*. Brasília, Brasil: Ibram, p. 73 - 76, 2018.

GOMES, I.; CAZELLI, S. Formação de mediadores em museus de ciência: saberes e práticas. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v.18 n.1, pp. 23–46, jan./abr. 2016.

IBRAM. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília: Ibram, 2018.

MAY, T. *Social research: Issues, methods and process*. 4th edition, Maidenhead: Open University Press/ McGraw-Hill, 2011.

MIRANDA, R.M. O Cadastro Nacional de Museus e a diversidade museal brasileira. In: *Redes de Museos en Iberoamérica*. Propuestas para la articulación y fortalecimiento de las instituciones museísticas en el espacio iberoamericano. MINISTERIO DE CULTURA: Brasil, 2009. p. 97-101. Disponível em: <http://www.iberomuseos.org/wp-content/uploads/2015/08/REDES_MUSEOS_IBEROAMERICA.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2020.

NORBERTO ROCHA, J.; ALVARO, M., MASSARANI, L.; ABREU, W. V de. Acessibilidade em museus de ciências: a perspectiva de mediadores brasileiros. *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, 9(1), 2021. p.103–120. Disponível em <<https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/9511/4421>>. Acesso em: 07 out. 2021.

NORBERTO ROCHA, J. e MARANDINO, M. O papel e os desafios dos mediadores em quatro experiências de museus e centros de ciências itinerantes brasileiros. *JCOM – América Latina*, v.

03, n.02, A08, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.22323/3.03020208>>. Acesso em: 14 dez. 2020

SARIS, W.; GALLHOFER, I. *Design, Evaluation, and Analysis of Questionnaires for Survey Research*. New Jersey: Wiley-Interscience, 2007.

SEIBEL-MACHADO, M.I. *O papel do setor educativo nos museus: análise da literatura (1987 a 2006) e a experiência do museu da vida*. 2009. Tese (doutorado em Ciências) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, 2009.

TRAN, L. U. The professionalization of educators in science museums and centers. *JCOM*, v.7, n.4, C02, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.22323/2.07040302>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

Data de recebimento: 24.12.2020

Data de aceite: 29.03.2021